

Estudos de historiografia linguística portuguesa

Sónia Duarte
Rogelio Ponce de León
ORGS.

Porto, FLUP, 2019

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Estudos de historiografia linguística portuguesa

ORGANIZAÇÃO: Sónia Duarte, Rogelio Ponce de León

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CLUP - Centro de Linguística da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: Impresso em maio de 2019

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 100 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 455686/19

ISBN: 978-989-54291-8-9

ISSN: 1646-1525

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UID/LIN/00022/2019».

A SINTAXE EM GRAMÁTICAS DE PORTUGUÊS DO SÉCULO XIX À L'USAGE DES FRANÇAIS

RESUMO: O trabalho que se apresenta constitui um estudo de matérias sintáticas de gramáticas de português como língua estrangeira (PLE) do século XIX, dirigidas a um público-alvo francês:

- A matéria sintática em apreço foca um conjunto de conceitos relativamente estáveis no quadro das ideias linguísticas, organizados nos seguintes grupos em lógica, ora de confronto, ora de complementaridade: sintaxe e/ou construção; proposição e frase; regime, complemento e subordinação.

- As referidas gramáticas de PLE constituem o corpus de obras metalinguísticas de português L2, editadas entre o ano VIII (1799-1800) do calendário republicano francês e 1894, que foi possível recensar até ao momento.

- Com respeito ao público-alvo, considera-se a sua relação com os textos metalinguísticos no que toca a procedimentos e metodologias da descrição gramatical que contemplam a proximidade estrutural das línguas alvo (português) e materna (francês).

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe; Gramáticas de PLE; Século XIX

ABSTRACT: The work presented here is a study of the syntactic aspects in nineteenth-century Portuguese as foreign language (PFL) grammars, which were aimed at a French target audience:

- The syntax in question focuses on a set of relatively stable concepts within the framework of linguistic ideas, organized at times using a confrontational logic and other times using a complementary one into the following groups: syntax and / or construction; proposition and sentence; system of complement and subordination.

- These PFL grammars constitute the *corpus* of metalinguistic works of Portuguese L2, published between the year VIII (1799-1800) of the French republican calendar and 1894, so far catalogued.

- Regarding the target audience, its relationship with metalinguistic texts is considered in terms of procedures and methodologies of grammatical description that contemplate the structural proximity of Portuguese and L1 (French).

KEYWORDS: Syntax; PFL Grammars; 19th century

1 – APRESENTAÇÃO

O presente corpus de gramáticas de português língua não materna (cf. fontes primárias da Bibliografia) é parte de um inventário de fontes metalinguísticas de PLE, cuja constituição e disponibilização *online* para breve (www.corpusgramaticalple.uevora.pt) visam resgatar uma tradição gramatical por vezes considerada menor. A seleção agora efetuada foi cronológica – século XIX¹ –, operando-se um corte no período de 1662-1910 correspondente à tradição em estudo; obedeceu, por outro lado, ao critério do público-alvo das gramáticas – “à l’usage des français” (Constâncio 1832)² –, uma das instâncias do modelo de análise proposto por Swiggers (2006: 168). Os dois critérios não estão desligados, sabendo-se que Portugal foi marcado pelo ascendente francês no século XIX, linguística e culturalmente, e enfrentou uma vaga de exilados políticos em França durante o período das lutas liberais, além da emigração para o mesmo país de prestigiados académicos portugueses e brasileiros. Incluem-se neste último grupo alguns dos autores do presente corpus (Fonseca 2018)³, sendo os demais de nacionalidade francesa. Ainda

¹ Deixam-se dois esclarecimentos. O primeiro sobre a datação da 1.^a edição da gramática de Louis-Pierre (ou Pierre-Louis) Siret: ano VIII (1799-1800) do calendário republicano. O segundo sobre razões de coerência cronológica que levaram a excluir do presente corpus a gramática *Maitre portugais, ou Nouvelle grammaire portugaise et françoise, composée d’après les meilleurs grammaires et, particulièrement, sur la portugaise et angloise d’Antoine Vieyra Transtagano* (Lisboa, 1799), de autor francês anónimo. Será interessante, em momento mais oportuno, analisar a presença desta fonte gramatical explicita na História da língua portuguesa de Paul Teyssier, que cita a gramática do francês anónimo mais do que vez.

² Ou, dito de outro modo (em dedicatórias, prefácios e introduções): “(...) pour la jeunesse française qui s’adonne au commerce et à l’industrie, et qui désire soit entrer dans les maisons françaises ayant des rapports avec les maisons portugaises, soit aller là où cette langue est parlée pour y chercher un avenir” (Béthencourt 1898: iii); para “(...) toutes les personnes du continent européen, où la langue française est généralement connue (...) les voyageurs, les commerçants et les colons” (Lencastre 1883: [iii]). Sobre a diversidade do público-alvo, matéria de “social context of language learning”, veja-se McLelland (2007: 39-53).

³ Note-se que figuram nas folhas de rosto das gramáticas, informações como “Professeur de littérature portugaise à Paris” (Fonseca 1880), “Professeur des langues portugaise et française” (José da Fonseca, Siret 1854), “Auteur du dictionnaire portatif portugais-français (...)” (Constâncio 1832), “Officier d’Académie” (Béthencourt 1898), “Bachelier ès Sciences” (Souza 1871); isto é, funções de relevo e graus ou distinções conferidos em razão de prestações de mérito.

em relação aos mesmos dois critérios, a eles se ligam outras características que conferem homogeneidade ao corpus constituído. Escritas as gramáticas para francófonos, o uso de L1 como metalingua da descrição gramatical é um dos traços do conhecido método da gramática e da tradução, que teve fortuna no ensino de línguas estrangeiras nos séculos XVIII e XIX⁴. No tocante a métodos didáticos, a gramática de Lencastre segue o do alemão Franz Ahn (cf. ponto 2.1, *infra*), facto que explicará a sua publicação em Leipzig, enquanto as restantes dez gramáticas saíram de gráficas parisienses, muito ativas, ao tempo, no campo da edição em língua portuguesa (Ramos 1972).

Para terminar esta breve apresentação, convém um último esclarecimento sobre a natureza destas “grammaires ‘étrangères’” (Lépinette 2012: 468), que são de tipo escolar. Como frisa Lépinette (2012: 469), o campo de análise é do “grammaire didactique de Langue étrangère”, donde a sua orientação prática e a escassez de um aparato teórico conceptual no que toca a definições, à metalinguagem gramatical, ao tratamento e divisões da matéria gramatical. Não está, no entanto, excluída a componente doutrinal, como se verá na continuação deste trabalho. Não será por acaso que Luís Francisco Midosi, outro autor recenseado, emprega a expressão “philosophical system” para designar a sua *A new grammar of the Portuguese and English languages* (Londres, 1832); que Paulino de Souza adjectiva a sua gramática de racional; que F. de Lencastre invoca a gramática geral nas regras da “Construction directe”. De facto, todos os conteúdos gramaticais dispõem de respaldo doutrinário; quanto mais não seja, são solidários com as linhas de força do quadro da gramática escolar de Oitocentos onde se integram. Posto isto, passe-se à matéria sintática.

2 – BREVIDADE DA SINTAXE NAS GRAMÁTICAS DE PLE (SÉCULO XIX)

Proporcionalmente ao tratamento da morfologia, a dimensão reduzida de uma secção gramatical intitulada “Sintaxe” é uma característica da maioria das gramáticas de L2⁵, algumas das quais são inclusive omissas quanto a um “tratamiento explícito de la sintaxis” (Swiggers 2006: 180)⁶. O procedimento

⁴ Neste ponto, constitui exceção no corpus geral até ao momento recenseado, a obra de Luís Caetano de Lima, *Grammaire française et portugaise. Avec des remarques très nécessaires pour de bon usage de l'une et de l'autre langue* (La Haya, 1712), que vem redigida em português, por razões que terão a ver com a prevista dupla vertente de ensino de L1 e de L2.

⁵ A título de exemplo: no presente corpus, a “Syntaxe” de Siret (1799-1800) ocupa 51% do total da matéria exclusivamente gramatical (que não textual ou vocabular); “De la Syntaxe” de Dubois (1806) corresponde a 48%; “De la Syntaxe” de Sané a 52%; apenas 15% para “De la Syntaxe” de Hamonière (1820) e de Constâncio (1832); e também apenas 2% para a “Syntaxe” de Foulché-Delbosc (1894).

⁶ Veja-se a gramática de Pietro Bachi (1831), dirigida a um público anglófono.

não é, portanto, exclusivo do corpus em apreço⁷, nem mesmo da gramaticografia de línguas estrangeiras, como se sabe. Face à regularidade dos paradigmas etimológicos/morfológicos – terreno propício a esquematizações sinópticas, sempre de valia para racionalizar a informação –, o domínio da sintaxe ou construção constituía um campo de ensaio “para el que hay que buscar nuevos contenidos” (García Folgado 2002: 5), porque nele confluíam variáveis como a elipse (expressamente referida por Constâncio 1832: 185), o uso da língua – “l’usage est souverain” (Souza 1871: 499) – e, por vinculação à tradição gramatical francesa, “le génie de la langue”. Se a tendência geral foi, pois, a contenção descritiva deste domínio da irregularidade no tratamento gramatical dos vernáculos, com interregnos nas gramáticas filosóficas, já no ensino de L2 há razões acrescidas deste procedimento e que são aduzidas pelos próprios autores. Podem sintetizar-se tais razões nos seguintes três pontos, a que se passa: os propósitos didáticos; os exercícios de tradução nas modalidades de “Thème” e “Version”; a proximidade estrutural das línguas.

2.1 – Propósitos didáticos

O inglês Alfred Elwes é um dos autores que mais claramente enuncia as implicações dos seus propósitos didáticos na orientação dos conteúdos de *A grammar of the Portuguese language* (Londres, 1876), cuja estrutura interna não apresenta o tratamento independente da sintaxe:

Etymology is that part of Grammar which gives us the knowledge of the different sorts of words, their nature and variations. § Syntax teaches us the relations which words have towards each other in order to express a perfect sense. § In an elementary work of this kind it is convenient to club these divisions of grammar together, and whilst examining each of the parts of speech in turn, to lay down in as concise a manner as possible the rules which govern it in the sentence (Elwes 1876: 9).

O compromisso com uma gramática prática e pedagógica origina a organização conjunta de “Etymology and Syntax” (Elwes 1876: 9) ou sincretismo morfossintático, patente na listagem das partes do discurso, desdobrada cada uma no estudo de categorias (género, número, grau, tempo, voz, etc.) e em exercícios bilíngues de contextualização sintagmática.

No contexto francês, esta vertente didática é também uma extensão da instituição escolar moderna do período da pós-Revolução e do reformismo pedagógico que fez balouçar o ensino da língua entre a tendência teórica, especulativa, filosófica da gramática geral e a necessidade pragmática da

⁷ O trabalho citado de Swiggers (2006: 180) refere-se a gramáticas (do século XVI) de espanhol L2; também em francês L2 ocorrem casos em que “la syntaxe (...) peut aussi bien être intégrée dans la partie comprise sous le titre *Parties du discours* (...) que constituer une syntaxe indépendante” (Lépinette 2002: 2)

aprendizagem ortográfica e gramatical do vernáculo através do cânone literário. As gramáticas gerais ou “grammaires générales tardives”, ou ainda “grammaires savantes”, que não estiveram à margem dos interesses do século XIX, representam a primeira tendência, cujo largo horizonte de retrospeção – de Port-Royal à *Idéologie* francesa, passando pela filosofia das Luzes e sensismo de Condillac – as diferencia “des grammaires générales de la période classique” (Bouard 2012: 7-8). De outro lado, mas não necessariamente em confronto, está, na linha da frente das prioridades da aprendizagem da língua escrita no século XIX francês, a “grammaire scolaire” que, como afirma Chervel (2012: 329), “est toujours par principe une ‘discipline scolaire’”. Neste sentido, a gramática escolar é norteadada pela eficácia, rapidez e simplicidade, princípios fundamentais em se visando “une finalité pédagogique (par exemple faire assimiler par des enfants ou des jeunes gens une langue, écrite ou parlée, des modes d’expression, une orthographe)”, bem como “des modes d’action adaptés aux jeunes esprits (exposé dogmatique, exercices, progression de classe en classe, pratiques de motivation)” (Chervel 2012: 329). É neste contexto da gramática escolar que foram concebidas as gramáticas de PLE, onde, em face da mesma história externa, ganham relevância aspectos como: títulos que contêm uma palavra-chave, tais “abrége” ou “pratique” (Dubois 1806; Fonseca 1880⁸; Lencastre 1883; Foulché-Delbos 1894); afirmações como a de Béthencout – “J’ai donc essayé d’être clair et concis; apprendre beaucoup en peu de temps” (1898: iii) –; ou ainda a adoção de novas metodologias de ensino de L2. Depois de 1830 espalharam-se com relativa uniformidade por toda a Europa, a partir sobretudo da Alemanha e da França, métodos de ensino de línguas estrangeiras, conhecidos pelos nomes dos seus criadores – Franz Ahn (1796-1865), H. G. Ollendorff (1803-1865), T. Robertson (1803-1871), Emil Otto (1813-?) –, que foram rapidamente traduzidos e usados em diversas línguas através de adaptações mais ou menos fiéis. O português L2 da segunda metade do século não ficou à margem destas novas tendências metodológicas, nem no contexto francófono (Lencastre 1883), nem no âmbito de outros públicos-alvo⁹.

⁸ Note-se que o filólogo brasileiro Luís Simões da Fonseca recebeu dos livreiros-editores Irmãos Garnier o encargo de um “abrége” da gramática de Paulino de Souza, à qual acrescentou um “cours gradué de thèmes”. Mas esclareça-se que já a gramática de Paulino de Souza fora encargo (recebido dos mesmos livreiros-editores) de rever e corrigir a gramática de Hamonière. Ainda que o autor brasileiro afirme que “nous dûmes bientôt renoncer entièrement à l’ancien texte [gramática de Hamonière]” (Souza 1871: [xxi]), a existência de relações intertextuais entre as duas gramáticas acaba por dificultar a distinção entre o pensamento próprio e o alheio.

⁹ Além do já estudado manual de Paula Hidalgo (Ponce de León 2009), foi publicada em Londres para “Students of the Portuguese language”, a obra *A Practical grammar of the Portuguese language on Dr. Otto’s conversational system* (1882), do inglês Charles Henry Wall, que apresenta um interessante elenco de fontes portuguesas: “In writing the present work I have taken for my guidance the ‘*Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*’, by J. S. Barbosa; the ‘*Grammatica Analytica*’, by F. S. Constancio; and other grammars in English. With regard to orthograhry, I have followed that given by Roquete and Valdez in their dictionaries” (1882: ix).

2.2 – Exercícios de tradução nas modalidades de “Thème” e “Version”¹⁰

“Thèmes” e “Versions” constituem tipos de exercícios de tradução, que não só permitem a extensão dos conteúdos sintáticos¹¹, como conduzem a prática da língua numa lógica de imitação de autores modelares e de valorização do génio da língua, conceito que “[l]a linguistique scientifique du XIX^e siècle avait exclu” (Hassler 2012: 205), conquanto permaneça no ensino gramatical de línguas estrangeiras, como é visível nas referências que a ele fazem autores do presente corpus, Sané (1810: xii), Hamonière (1820: 235), Souza (1871: xxvii) e Lencastre (1883: 107, “Second cours”). Sob este ponto de vista e atendendo a que o par tema/versão é “un type tout à fait particulier de traduction: *la traduction comme exercice pédagogique*” (Ladmiral 1994: 41), não pode avaliar-se a dimensão sintática das gramáticas de PLE sem se levar em conta o papel atribuído aos exercícios de tradução “littérale”/ “interlinéaire”/ “elegante” de textos literários do cânone português e francês¹². Tais “Morceaux de Prose et de Vers” (Sané 1810: 244, Souza 1871: 674, Constâncio 1832: 237), usados também para atestar regras sintáticas¹³, permitiam a aplicação do conhecimento sintático com a ajuda do dicionário. Esta prática sintática é aconselhada pelos próprios autores:

Pour mettre les Commençans à portée de faire l'application des règles contenues dans cette Grammaire, et pour réunir dans un seul morceau une suite d'exemples de la construction et de l'idiôme portugais, j'ajouterai ici la traduction d'une scène d'une comédie portugaise, intitulée : LE LABYRINTHE DE CRÈTE. J'ai cherché à rendre cette traduction très-littérale, afin que les commençans pussent mieux apercevoir les rapports grammaticaux des deux Langues (Dubois 1806: 299).

Hamonière (1820: 229) inclui no capítulo “De la construction” a observação de que “Il n'y a que l'usage et la lecture des bons auteurs, qui, en guidant dans le choix des expressions, puissent apprendre à les ranger dans l'ordre convenable”. Além dos exercícios de tradução literária, em grande parte na modalidade de versão¹⁴, a prática sintática (e a análise

¹⁰ Já noutro momento se tratou este assunto (Fonseca 2018).

¹¹ Sinal da importância destes exercícios é o facto de a *Grammaire portugaise pratique* (1898) de Bèthencourt figurar num extrato do catálogo da “Boyveau & Chevillet, Librairie Étrangère” com o título ampliado: “Grammaire portugaise pratique avec thèmes et versions. In-8, br.”.

¹² Sobre o “corpus de autoridades en la gramática española”, Margarita Llitas observa que, no gramático Benito de San Pedro (1769), “las reflexiones sintácticas más innovadoras derivan de las traducciones [de textos literários] incluídas en el corpus” (1997: 65); e note-se que a autora contempla apenas a sintaxe regular (excluída, portanto, a parte da sintaxe figurada).

¹³ Veja-se o recurso a Pe. António Vieira para exemplificar o sujeito nulo em português (Souza 1871: 449-450).

¹⁴ Note-se que, enquanto a versão “garde son aspect littéraire : il faut produire une paraphrase française d'un texte littéraire étranger” (Ladmiral 1994: 44), o tema “est grammatical : sa nature est essentiellement la grammaire et rien qu'elle” (Ladmiral 1994: 50).

comparativa) é igualmente exercitada num elenco extenso de outros exercícios apresentados em registo bilingue: “Exercices de conversation” (Siret 1799-1800: 70); “Exercices sur les particules” (Siret 1799-1800: 89); “Dialogues” (Siret 1854: 66; Dubois 1806: 332); “Phrases dont le sens ne peut pas se rendre littéralement en portugais” (Siret 1854: 83); “Phrases proverbiales” (Sané 1810: 368). São ainda de referir os conjuntos de temas, ora organizados em “Cours” com informações sobre o vocabulário e diversos aspetos da sintaxe do português (Hamonière 1820: 275-335), ora organizados na sequência de cada uma das matérias sintáticas: “Thème sur la syntaxe de l’Article”, “Thème sur la syntaxe du Substantif”, “Thème sur la syntaxe des Adjectifs (Fonseca 1880: 158, 171, 187).

2.3 – Proximidade estrutural das línguas

Exercícios como os referidos permitiam, até pela representação esquemática, comparações entre as duas línguas, sendo frequentes as observações sobre proximidades e diferenças entre L2 e L1. A identidade românica favorecia a comparação linguística, quer em relação a PLE, quer a outras línguas estrangeiras (cf. Lépinette 2002: 7-8). No quadro da análise sintática, a proximidade estrutural das duas línguas românicas em análise é um tópico recorrente e, porque aparentemente apresentada como aliada da aprendizagem da língua estrangeira, é também argumento para justificar a brevidade da exposição gramatical:

Le régime des noms, soit entre eux, soit relativement aux adjectifs et aux verbes, ainsi que ce qui concerne leur construction, l’ordre et la place qu’ils occupent dans le discours, est exactement la même chose dans les deux langues (Siret 1799-1800: 46).

Comme les règles générales de la Syntaxe sont exactement les mêmes dans les deux langues Française et Portugaise, il m’a paru superflu, de les rapporter avec détail, et je me suis uniquement occupé à faire connoître les différences qui se trouvent entre la construction de la phrase portugaise et celle de la phrase française. § Cependant, pour ne pas entrer trop brusquement dans le détail de ces différences nous allons établir d’abord sommairement quelques Règles générales (Dubois 1806: 175).

Les règles de la syntaxe étant en général les mêmes dans la langue portugaise que dans la langue française, nous ne parlerons que des différences qui existent entre ces deux langues (Hamonière 1820: 203).

La syntaxe portugaise différant très peu de celle de la française, je me bornerai à indiquer les points où la première s’écarte de la seconde. La plupart des différences apparentes qu’on remarque entre la phraséologie des deux langues provient de l’usage beaucoup plus fréquent en portugais des ellipses et autres figures, et des inversions (Constâncio 1832: 185).

(...) les règles de la syntaxe proprement dite étant, en général, les mêmes en portugais qu'en français, nous ne parlerons que des différences qui existent entre les deux langues, et de certaines analogies qui, plus difficiles à saisir, pourraient échapper à l'attention du lecteur (Souza 1871: 343-344)¹⁵.

Les règles d'accord sont les mêmes en portugais qu'en français (Foulché-Delbosc 1894: 261).

A presença deste tópico da similaridade linguística, em conexão com a brevidade da sintaxe, melhor se compreenderá se se atender aos seus efeitos no processo de aquisição da língua alvo: “Presence or absence of cross-linguistic similarities accounts for the differences in effort and time existing between learning a language close to the L1 and learning a totally unrelated language” (Ringbom 2007: 1). Porque a presença vs ausência de semelhanças linguísticas está diretamente ligada à facilidade vs dificuldade de aprendizagem por uma relação de causalidade, os gramáticos citados escolhem as “Règles générales et communes aux deux langues” (Dubois 1806: 175) ou as “Notions générales sur la syntaxe” (Béthencourt 1898: 62) para introduzir o estudo sintático e nelas incluem matérias da tradicional estrutura tripartida da sintaxe: os factos de regime (Siret 1799-1800: 46), a ordem que devem guardar entre si as partes da oração (Siret 1799-1800: 46) e os factos de concordância (Foulché-Delbosc 1894: 261). É neste campo que se situará a compreensão interlinguística. Estudos sobre os efeitos da proximidade linguística na aquisição de línguas mostram que:

Learners, consciously or not, do not look for differences, they look for similarities wherever they can find them. In their search for ways of facilitating their learning task they make use of intralingual similarities, which are perceived from what they have already learned of the L1 (Ringbom 2007: 1).

Ao invocarem a afinidade entre as línguas materna (o francês) e alvo (o português), os autores das gramáticas de PLE contam, por outro lado, com a competência linguística do público-alvo, porque “[i]f you learn a language closely related to your L1, prior knowledge will be consistently useful” (Ringbom 2007: 1). Ora, estes conhecimentos prévios pressupostos são mais um argumento para a redução da matéria sintática. Note-se a observação de Dubois (1806: 175): “(...) il m’a paru superflu, de les [regras gerais comuns] rapporter avec détail”. Como mostram as últimas citações (cf. *supra* Siret, Dubois, Hamonière, Constâncio e Souza), o que efetivamente prende a atenção dos gramáticos é o mesmo que hoje caracteriza a linguística contrastiva ou diferencial, isto é, a comparação de dois sistemas linguísticos para evidenciar as suas diferenças.

¹⁵ Sobre a intertextualidade entre esta definição e a de Hamonière, cf. nota 8, *supra*.

Este investimento no estudo das diferenças estruturais entre as duas línguas para acautelar fenómenos de interferência tem por consequência a secundarização de reflexões metalinguísticas, como atesta Lépinette (2002: 9) na gramaticografia do francês L2: “(...) la perspective contrastive choisie élimine l’arrière-plan théorique et détourne obligatoirement l’analyse dans les champs d’une grammaire descriptivo-comparative et même prescriptive”.

3 – IDEIAS SINTÁTICAS DAS GRAMÁTICAS DE PLE (SÉCULO XIX)

Há diferenças de conceção na matéria sintática das gramáticas de PLE em estudo. Talvez uma das mais evidentes se situe, não tanto ao nível da “interpretação imanente” (Koerner 2014: 59), mas da historiografia da didática de línguas estrangeiras, uma vez que tem implicações na forma ou modo como a sintaxe é apresentada, desenvolvida e inserida no conjunto da gramática. Falamos do impacto dos métodos internacionais de Ahn, Ollendorff, Robertson e Otto aplicados ao ensino de L2. Há algum consenso para aceitar uma mudança de paradigma metodológico, embora a popularidade de tais métodos não tenha colhido adesão unânime¹⁶. A mudança de paradigma parece ter afetado sobretudo o campo didático e pedagógico, que não o das ideias linguísticas, uma vez que tais métodos não apresentam uma doutrina gramatical. Revolucionaram, sim, o mercado editorial de manuais de L2, organizados em cursos e em lições para aplicação do vocabulário e da gramática da língua estrangeira de maneira indutiva.

É esta a forma da *Nouvelle méthode* (Paris, 1883) de F. de Lencastre, que menciona no prefácio ter “accommodé le même procédé [método de M. F. Ahn] à l’enseignement de la langue portugaise” e fornece informações sobre o lugar ocupado pela sintaxe: “La méthode complète se compose de trois cours dont le second est un résumé de la grammaire de la langue et surtout de sa syntaxe” (1883: iii-iv). Em conformidade com os princípios do método que preconizava matéria e terminologia gramaticais sumárias, a sintaxe é reduzida, muito embora a terminologia sintática de Lencastre esteja comprometida com as ideias do seu tempo. “Construção” (direta e invertida), “proposição”, “complemento” como sinónimo de regime, tipos de “complemento direto” / “indireto” / “circunstancial” / “restritivo” (Lencastre 1883: 102-107) são

¹⁶ A posição de Paulino de Souza (1871: xxv-xxvi, n. 1) é aliás muito crítica: “On nous a déjà demandé, et l’on nous demandera peut-être encore, pourquoi nous n’avons pas appliqué à la langue portugaise la méthode de Robertson ou celle d’Ollendorff. La réponse est bien simple : c’est que nous avons tenu à faire une grammaire raisonnée et non une méthode artificielle ; parce que nous avons toujours pensé qu’il vaut mieux, en toutes choses, parler à l’intelligence que s’adresser exclusivement à la mémoire, et que l’expérience a, pour nous, prononcé en faveur d’un système qui nous a toujours parfaitement réussi, tant sous le rapport de la célérité que sous le rapport de la perfection des études”.

noções importantes nas ideias sintáticas do século XIX, em face do que poderá afirmar-se ter a obra de Lencastre trazido mais novidades do que as metodológicas da adaptação da didática de Ahn ao português L2.

Igualmente relevante ao tempo é o adjetivo “raisonnée” (que não é incompatível com “simplifiée”) para caracterizar a gramática, no entendimento de Paulino de Souza, autor nos antípodas do anterior Lencastre em matéria de metodologia (cf. nota 16) e de sintaxe. Para contrapor à posição de Lencastre, sublinhe-se, por um lado, a rejeição dos métodos em voga, em favor, por outro lado, de uma gramática racional na linha de Port-Royal e da autonomização da sintaxe, concretizada no século XVIII. Importa passar à análise da forma como outras conceções sintáticas dos autores do corpus se desenvolveram em torno destas duas vertentes, que são a dimensão metodológica e o edifício gramatical tributário da descrição port-royalista da proposição.

3.1 – Sintaxe e/ou construção¹⁷

Estabelecida a distinção entre sintaxe e construção desde o princípio do século, quer na gramaticografia do português, quer, já antes, na do francês L1 e L2, interessa demarcar esta consciência da época nas gramáticas de PLE, o que configura afinal o “horizonte de retrospeção” (Auroux 1986) dos seus autores¹⁸. Fossem eles franceses ou portugueses / brasileiros radicados em França, boa parte das influências recebidas viria de dentro do país (mesmo que sem referência explícita ou apenas alusiva), a avaliar até pelas queixas contra a falta de títulos sobre o português, em particular sobre a gramática portuguesa (Souza 1871: xxi). Ora a distinção entre os conceitos de sintaxe e construção, para além de ser então corrente no campo das chamadas “grammairres savantes” (Chervel 2012: 337), em reflexo das ideias dos Enciclopedistas, já vinha sendo tratada na gramática de francês L2. Pierre Nicolas Chantreau, um dos setecentistas que, no contexto da gramática didática de língua estrangeira, “n’est pas toujours cité mais constamment présent en arrière-plan” (Lépinette 2012: 473), refere-se ao uso copulativo de “*Construccion y Sintaxis*”, isto é, respetivamente, “orden que las voces deben ocupar en las oraciones ò clausulas” e “el Análisis de las diferencias que se encuentran en ambos idiomas [francês e espanhol] en el modo de hablar, y concordancia de las partes de la oracion” (Chantreau 1781: xi). A fonte usada – Du Marsais (1769), citado no mesmo local em rodapé – parece igualmente próxima de Paulino de Souza, para quem:

¹⁷ Toma-se de empréstimo a Delesalle (1984) o título deste ponto.

¹⁸ É de notar que algumas das fontes explícitas dos autores de gramáticas de PLE são, também elas, gramáticas de L2. A *A new Portuguese grammar in four parts* (Londres, 1768) de António Vieira, é uma fonte recorrente no quadro do ensino/aprendizagem do português em Inglaterra, Estados-Unidos e França

Il est important de ne point confondre la *construction* avec la *syntaxe* (...). § La *syntaxe* a pour objet la manière de rendre les divers rapports qui existent entre les idées, tandis que la *construction* ne s'occupe que de l'arrangement des mots entre eux, et de la coordination des phrases et des périodes (1871: 340).

E o autor continua na classificação (i) da sintaxe em concordância e regime; e (ii) da construção em “*simple* ou *naturelle*”, “*figurée*” e “*usuelle*” (Souza 1871: 341), agora com uma terminologia exatamente igual à que Du Marsais usara há mais de um século atrás, isto é, a mesma tipologia de “Construction simple & construction naturelle”, “Construction figurée” e “Construction usuelle” (Du Marsais 1769: 162-163)¹⁹. Além da identidade terminológica, há absoluto paralelismo de conceitos, dentro da diferença de profundidade de tratamento teórico, mesmo sendo a gramática de Souza a única do corpus com uma sintaxe de dimensão extraordinária (334 páginas num total de 725). O resumo que dela fará o filólogo brasileiro Luís Simões da Fonseca no quadro da sua versão “abrégé” da gramática de Souza, não comporta a construção, que é do domínio da variação, mas foca apenas a estrutura binária de “*syntaxe d'accord*” e “*syntaxe de régime*” (Fonseca 1880: 146) – os dois pilares da sintaxe (Calero Vaquera 2007: 92; Chevalier 1968: 86) –, que é específica de cada língua e para cuja exercitação o autor apresenta um “Cours gradué de Thèmes” (Fonseca 1880). Ainda que as construções variem, “la *syntaxe* reste la même” diz Souza (1871: 340); ou, numa formulação diferente mas equivalente, trata-se de distinguir a construção direta, “conforme aux règles de la *grammaire générale*” da construção inversa, “qui tient au génie de la langue portugaise” (Lencastre 1883: 105, 107).

Mas a primeira metade do século está marcada por uma conceção algo diferente, que corresponde à divisão da sintaxe em concordância, regime e construção (Siret 1799-1800; Dubois 1806; Sané 1810; Hamonière 1820). Nesta partição tripla, trata-se de “concebir a la *Sintaxis* como una *parte de gramática* y a la *Construcción* como una *parte, aspecto, tratado o capítulo de la Sintaxis*” (Gómez Asencio 1981: 52). A construção é um conceito mais compreensivo, porque uma parte da sintaxe e – outro ponto fundamental – a sintaxe é definida de acordo com os conteúdos que lhe estão afetos. Vejam-se os autores indicados:

La *syntaxe* traite de l'ordre et de l'arrangement des mots ; ensuite, de leur concordance; enfin de la manière dont ils se régissent l'un l'autre, ou dont ils influent l'un sur l'autre (Sané 1810: 116).

On appelle *Syntaxe* cette partie de la *Grammaire*, qui traite de la concordance, du *Régime* et de l'Arrangement des parties du *Discours* ; c'est-à-dire, de la *Construction* de la phrase (Dubois 1806: 175; Hamonière 1820: 194).

¹⁹ Como se sabe, as páginas decisivas consagradas ao assunto são as do artigo “Construction” da *Encyclopédie* (1751).

Concordância, regime e construção (regular e figurada) estão também presentes na sintaxe de Bethencourt, autor do fim do século (1898: 62). A diferença, porém, é a mudança de propriedades definidoras para propriedades características. Diferentemente da posição anterior, os três fenômenos são concebidos como componentes da sintaxe e não como elementos definidores da sintaxe, que apresenta uma conceção mais extensiva: “(...) la partie de la grammaire qui enseigne à disposer les mots dans la proposition, de façon à ce qu'ils expriment exactement les pensées” (Bethencourt 1898: 60). A proposição é, pois, a categoria estruturante da sintaxe, como se verá. Parece assim confirmar-se neste corpus a tendência para o desaparecimento da oposição sintaxe/construção, que Delesalle (1984: 497) situa no meio do século: “(...) cette opposition est absolument datée : elle n'existe ni avant le milieu du XVIIIe siècle ni après le milieu du XIXe siècle”.

Depois destas definições prévias (quando existem), a maioria dos autores prossegue com o esquema habitual dos capítulos “sintaxe do artigo”, “sintaxe do substantivo”, “sintaxe do adjetivo”, etc., consagrados ao estudo descritivo-comparativo de matérias de concordância (adjetivo e nome, por exemplo), de regime/complementação (em particular, verbal) e de colocação (posição do sujeito sintático).

3. 2 – Proposição e frase

No contexto do estudo sobre “grammaire scolaire et grammaire savante”, Chervel (2012: 343-344) entende que todas as gramáticas posteriores a Port-Royal atribuem um lugar de relevo à teoria da proposição e dos diferentes tipos de proposição (simples, compostas, incidentes). Já foram bem estudados o esquema básico da proposição portroyalina – composto por *sujeito*, *atributo* e o elemento de ligação *ser* (verbo substantivo) –, a definição da proposição como expressão do pensamento e o tributo de ambas as noções à lógica das ideias como estudo das operações do pensamento (Auroux 2008). Ora este quadro teórico é fundamental para se compreender a diferença presente nas gramáticas de PLE entre a análise lógica da proposição em sujeito, cópula e atributo (equivalente à conceção de uma proposição lógica) e a análise gramatical da frase (equivalente à conceção de uma proposição gramatical), que visa descrever relações sintáticas. Esta diferença não significa que a análise lógica estivesse fora do escopo da gramática escolar. Vejam-se as seguintes afirmações:

La *proposition*, dans le sens grammatical, est l'expression d'un jugement, comme un mot est l'expression d'une idée. § Dans toute proposition, il y a au moins trois termes: le *sujet*, l'*attribut* et le *verbe*. § Le *sujet* exprime l'objet principale de notre jugement; l'*attribut* exprime la qualité que nous comparons au sujet; et le *verbe* indique si l'*attribut* convient ou ne convient pas au sujet (Souza 1871: 341).

La proposition est l'expression d'un jugement. Phrase est la réunion d'une ou de plusieurs propositions formant un sens parfait. § Il y a, dans une proposition, trois termes au moins : ce sont le sujet, le verbe et l'attribut (Béthencourt 1898: 60).

Cette construction [construction directe] est conforme aux règles de la grammaire générale. Les mots sont placés dans l'ordre le plus simple (1. Sujet, 2. Verbe, 3. Régime direct, 4. Régime indirect, etc.) (Lencastre 1883: 105, "Second cours").

Não é por acaso que Souza especifica “le sens grammatical” da proposição; ou que Lencastre traz à colação a gramática geral no contexto do estudo da construção direta. É que a proposição lógica portroyalina será diferenciada da proposição gramatical pelos autores da gramática geral do século XVIII, graças à autonomização progressiva da sintaxe e ao enfoque da construção em unidades maiores do que a palavra. Tal como Du Marsais passa da lógica para a gramática ao distinguir proposição lógica de proposição gramatical²⁰, lançando assim as bases do conceito de frase, Paulino de Souza, sem se demarcar da análise lógica, que considera “une partie très-importante de la syntaxe” (1871: 343), afasta-a do quadro da sua gramática escola²¹. O ponto de vista gramatical vem com o conceito de frase: “Tout assemblage de mots ayant un sens” (Souza 1871: 341; Hamonière 1820: 194) ou “la réunion d'une ou de plusieurs propositions formant un sens parfait” (Béthencourt 1898: 60). De um lado a frase, que, definida em termos de sentido e de relações de subordinação, pertence ao domínio da sintaxe gramatical; de outro lado, a proposição ou expressão do julgamento como categoria de uma sintaxe lógica. Para se balizar cronologicamente esta diferenciação, recorre-se às seguintes palavras de Graffi (2001: 73), historiando o conceito de sintaxe:

The 'divorce' between grammar and logic (...) provided a theoretical motivation for an attitude which was becoming more and more widespread among linguistics (and particularly among syntacticians) around the middle of 19th century: the wish to free themselves from the model of syntactic analysis deriving from Port-Royal *Grammaire* (...) and *Logique* (...).

De facto, é sobretudo nas gramáticas de PLE da segunda metade do século – nomeadamente de Paulino de Souza, Luís Simões da Fonseca, F. de Lencastre, Raymond Foulché-Delbosc e Carlos de Vasconcelos de Béthencourt – que os conceitos de proposição e frase, ligados à análise lógica vs análise gramatical, apresentam aspetos dignos de menção. Já no fim do século,

²⁰ Cf. “Construction” (*Encyclopédie*, 1751): “(...) quand on considere une proposition grammaticale-ment, on n'a égard qu'aux rapports réciproques qui sont entre les mots ; au lieu que dans la proposition logique, on n'a égard qu'au sens total qui résulte de l'assemblage des mots”.

²¹ Diz o autor (1871: 343): “Nous ne nous en [análise lógica] occuperons pas ici, parce que cela nous ferait sortir de notre cadre, et que, d'ailleurs, l'*analyse logique* est, à peu de choses près, soumise dans les deux langues aux mêmes principes essentiels”.

a análise lógica acabará “par se réduire à la pure et simple analyse grammaticale des propositions à l’intérieur de la phrase complexe” (Chervel 2012: 339), tal como atestado na gramática de Foulché-Delbosc (1894). Toda a matéria sintática é aqui descrita em torno da frase, salvo no contexto de oração subordinada: “Quand une proposition subordonnée commence par une conjonction conditionnelle ...” (1894: 266). Em todo o caso, os termos apresentam um uso imbricado de que nem sempre é fácil distinguir aceções comprometidas (cf. a este respeito Gautier 2012: 393-412). No caso de Souza, a presença de Du Marsais transparece na colagem muito sistemática e fiel aos textos do enciclopedista: a classificação de tipos de sujeito, atributo e proposição (Souza 1871: 342-343) é toda ela retirada de “Table des divers noms que l’on donne aux propositions, aux sujets, & aux attributs” do artigo “Construction” (Du Marsais, *Encyclopédie*, 1751). Noutros casos, gramáticos como Hamonière e Constâncio, não atribuem um sentido particular ao uso dos termos na matéria sintática.

3. 3 – Regime, complemento, subordinação

O uso da expressão disjuntiva *régime* ou *complément* (Hamonière 1820: 196) parece indicar uma interferência da conceção formal, casual de regime, que vem da gramática latina, no conceito de complemento, atestado no discurso gramatical sobre a preposição (+ *nome*) de meados do século XVIII (primeiro ligado ao nome do religioso Gabriel Girard, um dos partidários da doutrina portroyalina, e depois aos de Du Marsais e Beauzée nos artigos “régime”, “complément” e “proposition” da *Encyclopédie / Encyclopédie méthodique*). A instabilidade daí decorrente evidencia-se na discrepância entre o procedimento gramatical arreigado na tradição e o discurso metalinguístico sobre a inexistência de casos nas línguas modernas:

Ce seroit étrangement abuser du langage des Grammairiens que de prétendre qu’il y a de véritables cas dans nos langues modernes : cependant, comme les Grammairiens sont dans l’usage de les distinguer par analogie les uns des autres, selon les prépositions qui leur servent de signe, nous continuerons à nous servir du même langage (Dubois 1806: 200).

Foi a relação de regência e sobretudo a regência adjetival e verbal, esta nas formas direta e indireta (Hamonière 1820: 216), que prendeu a atenção de gramáticos de PLE do primeiro meio do século, mesmo que a contracorrente de eventuais novas tendências do tempo:

(...) le verbe actif veut après lui l’accusatif (Siret 1799-1800: 51). § Le verbe passif est suivi dans les deux langues de l’ablatif (Siret 1799-1800: 53)

Les adjectifs de dimension se mettent toujours au génitif (Sané 1810: 119). § Ce n’est que lorsque le régime est ou représente une personne, que le verbe actif exige qu’il doit au datif (Sané 1810: 127). § Les verbes passifs et la plupart des réciproques gouvernent aussi l’ablatif (Sané 1810: 131).

Neste capítulo do verbo, a estratégia de Siret e de Sané é antiga: associar o estudo do regime ao do verbo, introduzindo uma classificação verbal (verbos ativo, passivo e também neutro) que é o ponto de partida para o estudo da regência, mediada ou não por preposição. Por seu turno, para Hamonière (1820: 196-197), “[o]n appelle *régime* ou *complément* d’un mot, tout mot qui, n’étant point un adverbe, est mis à la suite d’un autre mot *pour en restreindre la signification*”²²; ou, recorrendo a outra formulação do passo destacado: “(...) pour en déterminer la signification” (Beauzée, “Complément”, *Encyclopédie méthodique*, 1782-1786). No mesmo recorte temporal da primeira metade do século, o conceito de regência, que, descrito em termos de relação entre uma palavra regente e um determinado caso, implicava uma variação formal da palavra regida, foi reinterpretado sem as consequências ao nível da flexão. A regência, que restringe/determina a significação, nas palavras acima de Hamonière e Beauzée, passa assim a facto de dependência semântica. Deste modo, nas gramáticas de PLE da primeira metade de Oitocentos a conceção formal e casual de regência presente em Siret e Sané parece conviver com uma interpretação do fenómeno da regência ao nível da complementação ou de conjuntos de palavras – por exemplo, a unidade *preposição + nome* – incluídos numa unidade superior, a frase ou proposição. O significado global desta frase depende dos elementos regidos, que admitem subdivisões. Hamonière reconhece os complementos direto, indireto e circunstancial, embora sem os nomear como tal: “la phrase se compose de sept parties ou membres qui sont : le *sujet*, l’*attributif* ou *verbe*, l’*objectif* ou *régime direct*, le *terminatif* ou *régime indirect*, le *circonstancier*, le *conjonctif*, et l’*adjonctif*” (1820: 196)²³. São estes diversos tipos de complementos que se encontram, com designações idênticas, em gramáticas da segunda metade do século, nomeadamente as de Lencastre e Béthencourt:

Lencastre (1883: 104-106, Second cours)	Béthencourt (1898: 63)
complément direct	complément direct ou objectif
complément indirect	complément déterminatif
complément restrictif	complément restrictif
complément circonstancier	complément circonstancier

Em ambos os autores, o regime do verbo é definido em termos de complemento e o complemento é descrito no quadro da proposição:

²² Os últimos itálicos são nossos.

²³ Sobre a designação de “circunstancial”, aplicada ao advérbio e ao complemento preposicional, veja-se Chevalier (1968: 610).

Le complément ou régime est un mot ou une proposition qui achève d'exprimer l'idée commencée par un verbe, un participe, un adjectif, un substantif ou une autre proposition (Lencastre 1883: 101, Second cours).

La *syntaxe de régence* enseigne les règles de la dépendance que doivent avoir entre elles les parties de la proposition (Béthencourt 1898: 62).

A definição de Béthencourt foca explicitamente outro aspeto do mecanismo da complementação (nominal e verbal), fundamental para se compreender o fenómeno mais geral da determinação/subordinação. Trata-se da noção de dependência, propriedade do sintagma e depois das relações interproposicionais, uma vez que, como afirma Gómez Asencio (1987: 119) na sequência de Chevalier, a “‘phrase (composée) subordonnée’ (...) a dû être forcément postérieure à la naissance de la notion de ‘complément’”. Que a dependência foi concebida também ao nível de orações é facto patente na gramática de Foulché-Delbosc, a única onde o termo “subordination” aparece no contexto de usos do conjuntivo português (1894: 263-266). Sabe-se que a sintaxe de regime, de complementação, de dependência ou de determinação, distinta da sintaxe de concordância/acordo/identidade, foi matéria sintática central nas gramáticas gerais e filosóficas dos séculos XVIII-XIX, por ser reflexo da dependência lógica das ideias, e manifestar-se formalmente na ordem das palavras na frase e, por extensão, na ordenação sintática de frases. Segundo Andrieu (2012: 794), os gramáticos franceses Condillac e sobretudo Gabriel Girard destacam-se com vantagem numa “histoire de la notion d’hypotaxe”. No corpus em análise, a segunda metade do século XIX constitui um marco gramatical na estruturação e apreensão global do conceito de dependência/subordinação em relação ao sintagma e à frase, manifestando-se tal consciência na diferenciação de tipos de subordinação (Foulché-Delbosc 1894: 263-266).

4 – NOTA FINAL

Procurou-se neste trabalho elucidar aspetos sobre a génese da matéria sintática em gramáticas de PLE do século XIX, a começar pelas razões, muitas vezes aduzidas pelos próprios autores, da sua brevidade; e quando assim não é, os mesmos autores são os primeiros a evidenciá-lo²⁴, sinal de singularidade num

²⁴ Apesar de extenso, o seguinte passo de Souza (1871: xxv) é importante para clarificar o que se quer dizer: “Parmi les personnes qui étudient une langue étrangère, les uns voudraient une grammaire très-résumée, les autres un ouvrage assez complet qui les dispensât de la nécessité de recourir à d’autres livres. (...) Ceux qui aiment les livres complets trouveront dans celui-ci, croyons-nous, de quoi se satisfaire. Quant aux autres, ils pourront l’abrégé à volonté en négligeant tout ce qui a rapport à la prononciation, aux étymologies, aux questions orthographiques, aux inversions, etc., et réduire, en un mot, ce volume aux proportions d’une grammaire ordinaire”.

quadro geral comum, transversal ao corpus geral de gramáticas de PLE. Entrariam também neste quadro a atitude comparativa, a assunção da competência gramatical do leitor como forma de justificar a contenção de definições teóricas, determinadas opções metodológicas (a partir de 1930), a presença muito constante de materiais complementares da análise sintática. Mas já ao nível da natureza destes materiais, impõe-se uma primeira distinção entre as duas metades do século. O tipo de antologia textual (em profusão nas gramáticas de Dubois 1806, Sané 1810, Hamonière 1820, Constâncio 1832, Siret 1854) dá lugar preferencial aos exercícios de tradução nas modalidades de tema e versão (Fonseca 1880, Béthencourt 1898). Do ponto de vista da dimensão, as gramáticas tornam-se objetos de mais fácil manuseamento, porque de menor volume; e as antologias literárias adquirem circulação à parte, como se percebe em Paulino de Souza (1871: xxiii, xxvi). Quanto à matéria sintática, talvez o marco gramatical de Oitocentos seja o seguinte, nas palavras atrás citadas de Graffi (ponto 3.2) ou nestas: “The whole abandonment of the Port-Royal logic-based model of syntax was accomplished only in the second half of the 19th century” (Graffi 2001:73). A verdade é que a presença de Port-Royal está muito marcada na conceção tripartida da proposição (sujeito, verbo, atributo) de Souza (1871), Lencastre (1883) e Béthencourt (1898), mas tal presença é mediada pela gramática geral e pelos Enciclopedistas. Assim se explica a colagem de Paulino de Souza ao modelo da proposição de Du Marsais; assim se explica também que o modelo da gramática geral seja invocado por F. Lencastre em contexto de estudo da complementação. O corte com a análise lógica, que aponta Graffi, fomentou uma metalinguagem (complemento, frase, subordinação) e princípios de análise descritiva que se distanciaram das gramáticas da primeira metade do século.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

Béthencourt, C. de V. de. 1898. *Grammaire portugaise pratique*. Paris: Boyveau & Chevillet.

Constâncio, F. S. 1832. *Nouvelle grammaire portugaise, à l'usage des français, divisée en six parties*. Paris / Rio de Janeiro: Chez J.-P. Aillaud, Libraire / Chez Souza, Laemmert et C^{ie}.

Dubois, [S.] [G.] 1806. *Grammaire portugaise ou méthode abrégée pour faciliter l'étude de cette langue*. Angers: De L'imprimerie des Frères Mame.

Fonseca, L. S. da. 1880: *Abrégé de la grammaire portugaise de P. de Souza avec un cours gradué de thèmes*. Paris: Librairie Garnier Frères.

Foulché-Delbosc, R. 1894. *Abrégé de grammaire portugaise*. Paris: Librairie Guillard, Aillaud & C^{ie}.

Hamonière, G. 1820. *Grammaire portugaise, divisée en quatre parties*. Paris: Bobée et Hingray [2.^a ed. 1829].

Lencastre, F. de. 1883. *Nouvelle méthode pratique et facile pour apprendre la langue portugaise composée d'après les principes de F. Ahn*. Leipzig: F. A. Brockhaus.

Sané, A. M. 1810. *Nouvelle grammaire portugaise, suivie de plusieurs essais de traduction française interlinéaire, et de différents morceaux de prose et de poésie. Extraits de meilleurs classiques portugais*. Paris: Chez Cérioux Jeune, Nicole Libraire, Cussac Imprimeur-Libraire.

Siret, L.-P. 1799-1800. *Grammaire française et portugaise, A l'usage des personnes qui veulent apprendre le Portugais, pour le parler, comme pour l'écrire. Par ____ . Revue et corrigée par le Cit. Cournand*. Paris: Arthus Bertrand, Libraire.

Siret, L.-P. 1854. *Grammaire portugaise de L.-P. Siret, augmentée d'une phraséologie et de plusieurs morceaux en prose et en vers, extraits de écrivains portugais et français les plus estimés, avec le texte en regard, par Joseph da Fonseca*. Paris: J. P. Aillaud, Monlon et C^{ie}.

Souza, P. de. 1871. *Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée*. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs.

Bibliografia secundária

Andrieu, W. 2012. Émergence de la syntaxe de la phrase complexe. In : Colombat, Bernard; Fournier, Jean-Marie; Raby, Valérie. (éd.). *Vers une histoire générale de la grammaire française. Matériaux et perspectives*. Paris: Honoré Champion, 781-796.

Auroux, S. 1986. Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques. Les horizons de rétrospection. *Archives et documents de la Société d'histoire et d'épistémologie des sciences du langage*, n^o. 7: 1-26.

Auroux, S. 2008. Brève histoire de la proposition. *Cahiers de l'ILSL*, 25: 15-34.

Bachi, P. 1831. *A comparative view of the Spanish and Portuguese languages, or an easy method of learning the Portuguese tongue for those who are already acquainted with the Spanish*. Cambridge: Hilliard and Brown.

Bouard, B. 2008. L'émergence de la notion de “complément” est-elle une invention ou une innovation? In: Durand J. Habert B., Laks B. (éds.). *Actes du Premier Congrès Mondiale de Linguistique Française*. Paris: Institut de Linguistique Française, 899-916. Disponível em: <http://www.linguistiquefrancaise.org/articles/cmlf/abs/2008/01/contents/contents.html>. <10.1051/cmlf08178>. <hal-01117970>, acedido em junho de 2018.

Bouard, B. 2009. La syntaxe dans la grammaire générale au milieu du 19^{ème} siècle: structure de la proposition et transitivité. *Language and History*, 52,1: 3-25. Disponível em <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01117660>, acedido em junho de 2018.

Bouard, B. 2012. L'articulation entre grammaires scolaires et grammaires savantes au XIX^e siècle: complément et verbe transitif. In: *Colloque annuel de*

la Société d'Histoire et d'Epistémologie des Sciences du Langage. *Histoire Epistémologie Langage*. Jan. 2010, Paris, France. In: *Les Dossiers d'HEL: La disciplinarisation des savoirs linguistiques Histoire et épistémologie*, 5: 1-15. Disponível em:

<<http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num5/num5.html>>. <hal-01117632>, acessado em junho de 2018.

Calero Vaquera, M. L. 1986. *Historia de la gramática española (1847-1920)*. Madrid: Gredos.

Calero Vaquera, M. L. 2007. Desarrollo de la sintaxis en la tradición gramatical hispánica. In: Dorta, Josefa; Corrales, Cristóbal; Corbella, Dolores (eds.). *Historiografía de la lingüística en el ámbito hispánico*. Madrid: Arco/Libros: 89-118.

Chantreau, P. N. 1781. *Arte de hablar bien frances o gramatica completa dividida en tres partes*. Madrid: Por Dom Antonio de Sancha.

Chervel, A. 2012. Grammaire scolaire et grammaires savantes: la transposition didactique en question. In: Colombat, Bernard; Fournier Jean-Marie; Raby, Valérie (éd.). *Vers une histoire générale de la grammaire française. Matériaux et perspectives*. Paris: Honoré Champion, 325-350.

Chevalier, J.-C. 1968. *Histoire de la syntaxe. Naissance de la notion de complément dans la grammaire française (1530-1759)*. Genève: Librairie Droz.

Delesalle, S. 1984. Syntaxe et / ou construction. In: *Au bonheur des mots. Mélanges en l'honneur de Gérard Antoine*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 497-507.

Du Marsais, C. Ch. 1769. *Logique et principes de grammaire*. Paris: Chez Briasson Libraire.

Elwes, A. 1876. *A grammar of the Portuguese language in a simple and practical form with a course of exercises*. London: Crosby Lockwood & Co.

Fonseca, M. do C. 2018. O exercício em gramáticas de português como língua estrangeira para francófonos (século XIX). *Linguarum Arena* 9 (no prelo).

García Folgado, M. J. 2002. La gramática escolar española entre dos siglos (1780-1813): la sintaxis. Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde, 29: 126-144. Disponível em <http://dhfiles.revues.org/2306>, acessado em junho de 2018.

Gautier, A. 2012. Aperçu de la phrase dans la grammaire scolaire. In: Colombat, Bernard; Fournier Jean-Marie; Raby, Valérie. (éd.). *Vers une histoire générale de la grammaire française. Matériaux et perspectives*. Paris: Honoré Champion, 393-412.

Gómez Asencio, J. J. 1981. *Gramática y categorías verbales en la tradición española (1771-1847)*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.

Gómez-Asencio, J. J. 1987. Naissance et développement de la notion de phrase composée dans les grammaires espagnoles (1771-1851). *Histoire Epistémologie*

Langage 9-2: 117-132. Disponível em https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_1987_num_9_2_2428, acessado em junho de 2018.

Graffi, G. 2001. *200 years of syntax. A critical survey*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Hassler, G. 2012. La description du *génie de la langue* dans les grammaires françaises et les grammaires d'autres langues. In: Colombat, Bernard; Fournier Jean-Marie; Raby, Valérie. (éd.). *Vers une histoire générale de la grammaire française. Matériaux et perspectives*. Paris: Honoré Champion, 193-209.

Koerner, E. F. K. 2014. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Ladmiral, J.-R. 1994. *Traduire: théorèmes pour la traduction*. Paris: Gallimard.

Lépinette, B. 2002. La syntaxe dans les grammaires pour l'enseignement du français en Espagne au XIXe siècle. *Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde*, 29 : 26-93. Disponível em <http://dhfles.revues.org/2292>, acessado em junho de 2018.

Lépinette, B. 2012. L'horizon de rétrospection des grammaires françaises pour espagnols, 1800-1850. In: Colombat, Bernard; Fournier Jean-Marie; Raby, Valérie. (éd.). *Vers une histoire générale de la grammaire française. Matériaux et perspectives*. Paris: Honoré Champion, 467-491.

Lliteras, M. 1997. Sobre la formación del corpus de autoridades en la gramática española. *Historiographia linguistica* 24:1-2: 57-72.

McLelland, N. 2017. *Teaching and learning foreign languages. A history of language education, assessment and policy in Britain*. London / New York: Routledge.

Ringbom, H. 2007. *Cross-linguistic similarity in foreign language learning*. Clevedon: Multilingual Matters.

Ponce de León Romeo, R. 2009. Los inicios de la enseñanza-aprendizaje del portugués en España: breves consideraciones sobre el Primero y segundo curso de portugués (Madrid 1876) de Francisco de Paula Hidalgo. *Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde* 42: 185-196. Disponível em <http://dhfles.revues.org/757>, acessado em junho de 2018.

Ramos, V. 1972. *A edição de língua portuguesa em França (1800-1850)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português.

Swiggers, Pierre. 2006. El foco 'belga': Las gramáticas españolas de Lovaina (1555, 1559). In: Gómez Asencio, José J. (dir.). *El Castellano y su Codificación Gramatical. Volumen I: De 1492 (A. de Nebrija) a 1611 (John Sanford)*. Burgos: Fundación Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, 161-213.